



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

“Meu caminho”

“My way”

Autor: Serguei Iessiênin

Tradutor: André Nogueira

Edição: RUS Vol. 11. Nº 15

Data: Junho 2020

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765>

[rus.2020.168197](https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2020.168197)



Meu caminho

Serguei Iessiênin
Tradução de André Nogueira*

Palavras-chave: Serguei Iessiênin; Meu caminho; Poesia russa; Tradução
Keywords: Sergei Yesenin; My way; Russian poetry; Translation

Resumo

*André Bacciotti Nogueira, bacharel em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, e mestre em Letras pelo Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, no Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: andresala40@gmail.com <https://orcid.org/0000-0002-2105-1216>

Natural de Riazán, Serguei Iessiênin (1895-1925) foi o principal expoente dos “poetas camponeses” e um dos nomes centrais da literatura russa no período revolucionário. Seu suicídio em dezembro de 1925 e o poema de despedida, “escrito com o sangue das veias abertas”, causou grande comoção na sociedade soviética de então. É inevitável que a posteridade o tenha absorvido a partir deste trágico desfecho. Em nossa língua o poema “Até logo, até logo companheiro” foi primeiro traduzido por Augusto de Campos, com mais uma pequena seleção do autor na antologia *Poesia Russa Moderna*; ele aparece também associado à resposta de Maiakóvski ao suicídio do poeta e toda uma polêmica em torno desse fato, que acabou por ofuscar o interesse no restante de sua obra. Superando a barreira de sua morte, no entanto, Iessiênin nos aparece como uma personalidade de grande riqueza poética e interessante trajetória de vida, que precisa ser redescoberta e posta em evidência através de um trabalho extensivo de tradução. Este é o trabalho que tenho desenvolvido e cuja tradução abaixo é uma amostra. Para apresentar Iessiênin, e começar esta apresentação não pela morte, mas pela vida do poeta, escolhi este poema: “Meu caminho”, uma espécie de sua pequena autobiografia em verso. A primeira publicação do original saiu em março de 1925 na revista *Gorod i derevnia*, Moscou. Nesta fase entre 1924-1925 Iessiênin freqüentemente adotou este modelo de “estâncias”: poemas narrativos breves com estrofes de 6 a 8 versos e rimas intercaladas. Procurei na tradução reproduzir e valorizar a forma e sonoridade do original. O objetivo é dar a conhecer o autor em nossa língua e expressar suas potências num texto que funcione poeticamente. Para esta tradução o texto foi consultado em ЕСЕНИН, Сергей. *Полное собрание сочинений в семи томах*. Том второй. Стихотворения (Маленькие поэмы). Издательство «Голос», 1996.

Abstract

Born in Riazán, Sergei Yesenin (1895-1925) was the main exponent of “peasant poets” and one of the central names in Russian literature during the revolutionary period. His suicide in December 1925 and the farewell poem, “written with the blood of open veins”, caused a great stir in Soviet society at the time. It is inevitable that posterity has absorbed him from this tragic outcome. In our language the poem “See you later, see you later companion” was first translated by Augusto de Campos, with another small selection of the author in the anthology *Poesia Russa Moderna*; it also appears associated with Mayakovsky’s response to the poet’s suicide and a whole controversy around this fact, which ended up overshadowing interest in the rest of his work. Overcoming the barrier of his death, however, Yesenin appears to us as a personality of great poetic richness and interesting life trajectory, which needs to be rediscovered and highlighted through extensive work of translation. This is the work that I have developed and whose translation below is a sample. To presentate Yessiênin, and to start this presentation not by death, but by the life of the poet, I chose this poem: “My way”, a kind of his little autobiography in verse. The first publication of the original came out in March 1925 in the magazine *Gorod i derevnia*, Moscow. In this phase between 1924-1925 Yesenin frequently adopted this model of “stanzas”: short narrative poems with stanzas of 6 to 8 verses and intercalated rhymes. In the translation, I tried to reproduce and enhance the original form and sound. The objective is to make the author known in our language and express his powers in a text that works poetically. For this translation, the text was consulted in ЕСЕНИН, Сергей. Полное собрание сочинений в семи томах. Том второй. Стихотворения (Маленькие поэмы). Издательство «Голос», 1996.

МОЙ ПУТЬ

Жизнь входит в берега.
Села давнишний житель,
Я вспоминаю то,
Что видел я в краю.
Стихи мои,
Спокойно расскажите
Про жизнь мою.

Изба крестьянская.
Хомутный запах дегтя,
Божница старая,
Лампады кроткий свет.
Как хорошо,
Что я сберег те
Все ощущение детских лет.

Под окнами
Костер метели белой.
Мне девять лет.
Лежанка, бабка, кот...
И бабка что-то грустное,
Степное пела,
Порой зевая
И крестя свой рот.

Метель ревела.
Под оконцем
Как будто бы плясали мертвецы.
Тогда империя
Вела войну с японцем,

MEU CAMINHO

Das margens já me abeiro.
Antigo habitante da aldeia,
Lembro bem de tudo aquilo
Que da vida eu aprendi.
Com palavras verdadeiras
Que eu conte tranqüilo
O que vivi em meu país.

A cabana campesina.
Débil luz da lamparina
Com os ícones na estante,
O cheiro forte de verniz.
Ainda bem que são bastantes
As memórias que guardei
Daqueles anos infantis.

Da janela lá fora a nevasca,
O aconchego da isbá.
Nove anos eu tinha.
Minha avó, a gata, o forno...
E vovó, muito beata,
Bocejando já de sono,
Os lábios benzia a cantar
Alguma triste ladainha.

A nevasca ululava.
Era como se por vezes
Lá fora dançassem os mortos.
O império sustentava
A guerra contra os japoneses,

И всем далекие
Мережились кресты.

Тогда не знал я
Черных дел России.
Не знал, зачем
И почему война.
Рязанские поля,
Где мужики косили,
Где сеяли свой хлеб,
Была моя страна.

Я помню только то,
Что мужики роптали,
Бранились в черта,
В Бога и в царя.
Но им в ответ
Лишь улыбались дали
Да наша жидкая
Лимонная заря.

Тогда впервые
С рифмой я схлестнулся.
От сонма чувств
Вскружилась голова.
И я сказал:
Коль этот зуд проснулся,
Всю душу выплещу в слова.

Года далекие,
Теперь вы как в тумане.
И помню, дед мне

E nós parecíamos ver
Umaz cruzez remotas.

Da Rússia e seus turvos assuntos
Nada então eu conhecia.
Não sabia eu o quê
E o porquê de uma guerra.
Os campos meus de Riazán,
Onde o mujique ceifa a junco
E colhe o pão de cada dia,
Essa era toda a minha terra.

Lembro apenas com que raiva
Resmungavam os mujiques,
Contra Deus e o tsar
E o diabo praguejando.
Mas resposta se escutava
Só do vendaval longínquo,
E sobre o nosso limoal
A alvorada despontando.

Com as rimas pelear
Da vez primeira me ocorreu.
A multidão de pensamentos
Subiu-me à cabeça.
E disse eu:
Que, se tiver mesmo talento,
A alma em verso eu ofereça.

Tudo isso foi há muito
E me parece envolto em névoa.
Lembro só que o avô veio

С грустью говорил:
«Пустое дело...
Ну, а если тянет —
Пиши про рожь,
Но больше про кобыл».

Тогда в мозгу,
Влеченьем к музе сжатом,
Текли мечтанья
В тайной тишине,
Что буду я
Известным и богатым
И будет памятник
Стоять в Рязани мне.

В пятнадцать лет
Влюбил я до печенок
И сладко думал,
Лишь уединюсь,
Что я на этой
Лучшей из девчонок,
Достигнув возраста, женюсь.

.....

Года текли.
Года меняют лица —
Другой на них
Ложится свет.
Мечтатель сельский —
Я в столице
Стал первокласснейший поэт.

E disse assim:
“Ofício inútil...
Mas, se isso te alegra —
Escreve então sobre o centeio,
Além de tudo sobre as éguas”.

Foi então que em secreto,
Com o cérebro inclinado para a musa,
Me ocorreu ao pensamento
Certo afã
De que serei grande poeta,
Conhecido em toda a Rússia,
E erguerão um monumento
Para mim em Riazán.

Os quinze chegaram depressa.
Eu então me apaixonei até o fígado.
Da aldeia indo embora
Só pensava em uma coisa:
Que a essa,
A mais formosa rapariga,
Em sua hora, vou tomá-la como esposa.

.....

O tempo se passou
E foi mudando de figura —
Uma outra alvorada decerto
Já nele rompia.
Eu, campônio sonhador, —
Na capital tive ventura:
Converti-me num poeta da melhor categoria.

И, заболев
Писательскою скукой,
Пошел скитаться я
Средь разных стран,
Не веря встречам,
Не томясь разлукой,
Считая мир весь за обман.

Тогда я понял,
Что такое Русь.
Я понял, что такое слава.
И потому мне
В душу грусть
Вошла, как горькая отрав.

На кой мне черт,
Что я поэт!..
И без меня в достатке дряни.
Пускай я сдохну,
Только.....
Нет,
Не ставьте памятник в Рязани!

Россия... Царщина...
Тоска...
И снисходительность дворянства.
Ну что ж!
Так принимай, Москва,
Отчаянное хулиганство.

Mas o tédio de escritor
A tal ponto tomou minha vida,
Por vários países errando
Me tornei um vagabundo,
E sem sorrir para os encontros,
Sem chorar as despedidas,
Conheci o grande engano que é o mundo.

Foi então que compreendi
O que afinal é a Rússia.
Compreendi o que é a glória.
Em minha alma desde aí
Fatal angústia
Se cravou, como uma estaca divisória.

Mas então, ao diabo
Que eu seja poeta!..
Sem mim já é bastante o que há de asneira.
Ainda que eu me acabe,
Mas espera...
Não,
Monumento não levantem na aldeia!

Rússia... O império do tsares...
Angústia...
E os ares indulgentes da nobreza.
Pois espera para ver!
Se tu, Moscou, não te assustares
Com a nossa desordeira natureza.

Посмотрим —
Кто кого возьмет!
И вот в стихах моих
Забила
В салонный вылощенный
Сброд
Мочой рязанская кобыла.

Не нравится?
Да, вы правы —
Привычка к Лориган
И к розам...
Но этот хлеб,
Что жрете вы, —
Ведь мы его того-с...
Навозом...

.....

Ещё прошли года.
В годах такое было,
О чем в словах
Всего не рассказать:
На смену царщине
С величественной силой
Рабочая предстала рать.

Устав таскаться
По чужим пределам,
Вернулся я
В родимый дом.
Зеленокосая,

Vejamos agora —
Quem pega quem!
Ouçam bem essa canção de Riazán,
Como pulando a essa escória
Dos salões ela rega
Com mijo que nem
Minha égua alazã.

Como, não gostaram?
Não é para menos —
Pois costumam se banhar
Com L' Origan, caros perfumes...
Mas o pão
Que vocês comem, —
A verdade é que o fazemos com...
Estrume...

.....

Os anos se passaram.
Então passa-se aquilo
Que não ousou descrever
Com meu vulgar vocabulário:
Ao governo dos tsares aniquila
Com esplêndido poder
O exército operário.

Já cansado das andanças
Por confins de outras terras,
Regressei tão logo pude
Para o meu torrão natal.
Com verdes tranças,

В юбчонке белой
Стоит береза над прудом.

Уж и береза!
Чудная... А груди...
Таких грудей
У женщин не найдешь.
С полей обрызганные солнцем
Люди
Везут навстречу мне
В телегах рожь.

Им не узнать меня,
Я им прохожий.
Но вот проходит
Баба, не взглянув.
Какой-то ток
Невыразимой дрожи
Я чувствую во всю спину.

Ужель она?
Ужели не узнала?
Ну и пускай,
Пускай себе пройдет...
И без меня ей
Горечи немало —
Недаром лег
Страдальчески так рот.

По вечерам,
Надвинув ниже кепи,
Чтобы не выдать

O saiote balançando do açude,
Fez-me a bétula um sinal.

Ah, bétula amiga!
Tão bela... E que seios...
Seios assim,
Que não os têm as raparigas.
Desde os campos de centeio
As gentes trazem para mim
Uma telega
Carregada de espigas.

Não me reconhece a gente,
Para elas sou somente um viajante.
Então passou uma velhinha,
Minha avó, e não me viu.
E eu senti por toda espinha
A corrente lancinante
De um terrível calafrio.

Será que não reconheceu?
Ou será eu que confundi?
Bem, que se vá,
Não importa...
Para ela já sem mim
As amarguras não são poucas —
Não acaso caiu torta
Sua sofredora boca.

O dia acaba,
A cabeça eu enfio no quepe,
Protegendo com a aba

Холода очей,—
Хожу смотреть я
Скошенные степи
И слушать,
Как звенит ручей.

Ну что же?
Молодость прошла!
Пора приняться мне
За дело,
Чтоб озорливая душа
Уже по-зрелому запела.

И пусть иная жизнь села
Меня наполнит
Новой силой,
Как раньше
К славе привела
Родная русская кобыла.

<1925>

Os olhos do frio, —
Então eu parto para ver
As ceifadas estepes,
Ouvir como as águas
Murmuram no rio.

Bem, e daí?
Foi-se embora a juventude!
É forçoso admitir,
Fazer as pazes com o assunto.
Os novos anos eu saúde
Com meu canto vagabundo.

Por um caminho diferente da aldeia
Sinto agora
Que uma nova vida pulsa,
Como outrora da cocheira
Conduziu-me para a glória
A saudosa égua russa.

<1925>

Recebido: em 29/03/2020

Aceito: 28/05/2020

Publicado: em junho de 2020